

APRESENTAÇÃO

O número 34 da Revista *Illuminuras* intitulado **Paisagem, cultura material e memória** ao propor uma discussão que percorre as interfaces entre os temas cotejados, busca refletir sobre as perspectivas/hermenêuticas amplas em torno do tema da paisagem como expressão do humano no mundo, pois ao considerar a polissemia inerente a sua (i)materialidade revela não apenas os sentidos possíveis que traz consigo, mas a extraordinária força dos sentimentos em relação a ela, e cuja duração no tempo indica as agências humanas sobre os espaços, definindo feições e auras ao meio na construção criativa das formas onde dialogam cultura e natureza, oriundas, por certo, das relações mais ou menos sensíveis com as coisas e, por isso, capazes de revelar a própria heterogeneidade cultural dos agentes no mundo e na conformação dos lugares de pertencimento.

Neste sentido, esta edição é um esforço para colocar o tema da paisagem como um fenômeno humano pautado na coexistência com o diverso de si na constituição de coletivos de caráter complexo, porque associados por laços tanto materiais quanto imateriais – portanto, plurais, mestiços, ou se desejarem, híbridos -, mas sempre de teor sensível, que identificam uma indissociável tessitura ecológico-simbólica entre humanos e não-humanos. Portanto, trata-se das complexas relações entre os diferentes coletivos que participam na (re)configuração das paisagens – urbanas ou não – e para tanto é necessário considerar as suas agências, sejam eles coisas/artefatos, humanos e não-humanos na produção sinérgica da paisagem enquanto forma em devir.

Ao considerarmos o humano não apenas como um elemento da paisagem, mas como a paisagem desde a sua figuração *com* o diverso de si, deslocamos o seu lugar de espectador para o de agente e coparticipe com os demais entes da dinâmica ecosófica que enlaça ecologias e produz biodiversidade em consonância com a sociodiversidade, onde equilíbrios possíveis e instáveis expressam a dimensão *conflitual* das diferenças coligadas.

É por isso que o volume em questão apresenta uma diversidade de reflexões em torno dos temas propostos, revelando as complexidades que emergem das articulações – das redes ecosóficas; de sociação e de associação – que revelam formas diversas de saberes e fazeres próprias aos grupos sociais estudados, revelando o caráter simbólico-prático de suas ações/percepções no mundo, e que por isso mesmo, fazem sentido no

contexto em que emergem como expressões paisageiras próprias aos seus lugares de pertencimento.

A amplitude dos trabalhos presentes nesta edição da revista, tanto no que se referem as suas abordagens teórico-metodológicas quanto à riqueza de suas reflexões demonstra a relevância dos temas no contemporâneo, originando um saber que tensiona fronteiras epistemológicas, sem com isso querer dizer que as suprime. A produção de conhecimento sinaliza para uma abertura e uma aventura do conhecimento onde fronteiras fazem tanto sentido quanto o seu atravessamento.

Os artigos presentes nesta edição estão organizados de maneira a delinearem uma forma que considera os seus conteúdos desde aproximações de temas que se articulam buscando uma ordem aberta onde o leitor deve perceber tanto os seus nexos comuns quanto os sentidos que deles advém como possibilidade hermenêutica.

O artigo de Edna Alencar revela uma etnografia sensível às transformações das paisagens ribeirinhas na região do médio rio Solimões (AM), especialmente quando evidencia a experiência desagregadora dos lugares de pertença praticados desde tempos distantes por comunidades que habitam as várzeas dos rios amazônicos, os quais sucumbem diante do fenômeno das “terras caídas”, recolocando o “lugar da memória” noutros termos ao transfigurá-lo em memória do lugar, de caráter mais sutil e ligado a dimensão sensível do trabalho exercido pela memória daqueles que recordam as paisagens de outrora, já que no presente não há lugar para a ancoragem da memória em termos materiais.

A contribuição de Eneida Assis e Jorge Lucas Neves à edição traz um rico conjunto de informações acerca dos Anambé, grupo indígena que ocupa a área de Moju (PA), de maneira a contrastar aquele que poderíamos chamar de período de contato com a situação que o grupo enfrenta no presente, diante do avanço do agronegócio na região. Para tanto, recuperam as experiências etnográficas de figuras emblemáticas para a Antropologia produzida no estado do Pará, como Napoleão Figueiredo, Eduardo Galvão, Expedito Arnaud e Anaíza Vergolino e, assim, buscam contrapô-las à experiência contemporânea a partir de uma visita à área indígena. Nestes termos, as narrativas dos mais antigos, especialmente das mulheres, contribuem para a compreensão das dinâmicas de deslocamento e as vicissitudes do grupo nas paisagens, bem como situam o papel dos fundadores da antropologia no Pará em relação a tal grupo étnico, seja em termos de produção de conhecimento acerca do grupo quanto de sua importância política – que não exclui a memória afetiva dos indígenas em relação a

alguns deles. Memória e esquecimento; fartura e carência; respeito e violência emergem no texto como elementos de uma paisagem de intensa “fricção interétnica”.

O artigo de Benoit Ethier estabelece relações entre o perspectivismo ameríndio e a intersubjetividade entre um grupo indígena autóctone e nômade do leste canadense - os Atikamekw iriniwok da região de Manawan - e as paisagens que constituem o seu território, mais especificamente com as florestas que o recobrem, de maneira a buscar compreender as dimensões da memória e suas profundas relações com a identidade territorial em um contexto de projetos de gestão dos recursos naturais imposto pela sociedade nacional.

Ondina Fachel Leal, por sua vez, revisita os seus diários de campo e suas “adjacências” (fotografias, mapas, anotações, entre outros) em seu artigo e nos oferece uma reflexão rica acerca do material resultante de sua pesquisa na região pampeana e fronteira do Brasil com o Uruguai, realizada há aproximadamente trinta anos. A autora mergulha em suas memórias e experiências vividas junto aos gaúchos e reflete sobre a noção de paisagem etnográfica como um exercício mnemônico e intelectual pautado na sua experiência de campo.

O artigo de Antonio Carlos Diegues e de Daniela Coelho aborda o processo de registro do Fandango Caiçara, forma de sociabilidade festiva própria à região localizada entre o litoral sul do Estado de São Paulo e o litoral norte do Estado do Paraná, por coletivos caiçaras, enfatizando a sua transformação em “Patrimônio Cultural do Brasil”. Os autores revelam aspectos do processo, considerando a participação do grupo - entendido como “população tradicional” -, a partir de suas associações e os técnicos do campo do patrimônio que atuam no território caiçara, portanto, em suas paisagens de pertença. Os fandangueros experimentam as contradições e os dilemas entre tradição e modernidade, conservação e transformação, a partir de práticas festivas pelas quais estetizam o seu mundo e constituem a aura sensível das paisagens consoante a uma ética de relações sociais que une passado e presente ao mesmo tempo em que se articula ao futuro do grupo.

Fernando Monteiro Camargo reflete sobre as formas de sociabilidade e os conflitos em um bairro de imigrantes trentino-tirolezes - bairro Santa Olímpia em Piracicaba - esquadrihando suas paisagens cotidianas, nas quais os caminhos percorridos pelos diversos grupos de moradores, mais do que trajetos, são veios das identidades em movimento em busca da “autêntica” cultura tirolesa, ao mesmo tempo,

em que reconhecem a elaboração e conformação de outras paisagens temporais do *sertões* fora do Tirol imaginado.

Thaís Brito em seu artigo tece as relações entre uma cultura do couro e aquela do cultivo do algodão no sertão potiguar, mostrando que ambos os ofícios encontram na divisão dos gêneros a possibilidade do exercício do gênio humano: os homens labutam e domesticam o couro definindo uma ordem à animalidade, enquanto que as mulheres cultivam o algodão e confeccionam os bordados, dando sentido sociocultural a planta. A sua reflexão sobre os bordados e as bordadeiras de Seridó (RN) apresenta um cenário cultural que re-situa a imagem do sertão agreste e estéril, uma vez que este emerge transfigurado nas imagens dos bordados produzidos pelas mulheres, pois neles viço da natureza indica a leitura das paisagens estetizadas por um olhar de pertença ao sertão que não o toma como signo de flagelo, mas como *locus* de produção de beleza.

Anselmo Paes traz uma reflexão instigante sobre a presença dos ex-votos na paisagem devocional do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, na cidade de Belém. A sua reflexão estabelece relações entre a experiência do sagrado vivida pelos devotos nas ruas de Belém no afã de cumprirem as suas promessas, com a materialidade das coisas (ex-votos) presentes no acervo do Museu do Círio. Os ex-votos, desta forma, são elementos capazes de falar tanto da agência dos devotos como das suas mesmo, pois figuram nas paisagens devocionais das ruas de Belém e naquelas de caráter museal, enquanto coisas prenes de significações nos cenários citadinos.

Em sua contribuição Thaís Cunegatto repensa os dados de campo de sua pesquisa de mestrado, relacionando-os as suas primeiras reflexões de sua pesquisa doutoral à luz de uma antropologia ontológica. Ela parte do pressuposto de que os autores da chamada antropologia contemporânea estão debruçados nos estudos etnológicos, desta forma a autora se esforça em deslocar os pressupostos dessa vertente atual da antropologia para os estudos do urbano. Para tanto analisa a sociabilidade conflitual provocada pela implementação de projetos patrimoniais vivenciados no mundo urbano contemporâneo como originários de experiências de vida diversificadas e que, por conseguinte, são produtores de mundos distintos. Não se trata de um mundo com múltiplas visões, mas sim de mundo distintos que (co)habitam. O que está em questão nos processos de «purificação» vivenciados pelas classes populares é, no entanto, uma tentativa de formatar esses mundos em uma única realidade, em um único mundo, suprimindo a complexidade da existência de múltiplas paisagens.

Michelle Nascimento da Silva nos apresenta o bairro da Cidade Baixa, na capital gaúcha, demonstrando em sua etnografia aspectos da dinâmica do lugar e como os diversos personagens o praticam cotidianamente, de maneira a evidenciarem questões tanto da ordem da identidade – a pertença ao bairro – quanto da sociabilidade. A autora descortina cenários urbanos, *habitués* e usuários mostrando que o bairro é vivido desde uma diversidade cultural que o singulariza no corpo da cidade de Porto Alegre.

Gyselle Antunes, Sheyla Santos e Maria Cristina França contemplam, em seu artigo, a biografia do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Campus Porto Alegre - a partir de narrativas orais e visuais, que expressam a tessitura memorial das paisagens porto-alegrenses do início do Século XX, engendradas pelas relações humanas em ação no mundo do trabalho e da educação.

O artigo de Manoel Rocha e Flávio Silveira procura compreender os processos de transformação ocorridos no bairro da Campina (Belém/PA), a partir das memórias de Seu Henrique, senhor que trabalha como barbeiro em um prédio arruinado. O espaço de trabalho do senhor mostra-se como um ponto de encontro de antigos clientes que permanecem fiéis ao barbeiro, apesar de certa decadência do bairro e das transformações do entorno da barbearia em área de prostituição. A partir das memórias do barbeiro os autores buscam recompor aspectos de uma paisagem urbana onde se cruzam diferentes trajetórias pessoais e que tem na barbearia o seu espaço de conagração e de sociabilidade.

Véronique Isabelle, canadense radicada na Amazônia, em seu artigo sobre o Porto do Sal “mergulha” no sensível das paisagens da baía do Guajará e do mundo urbano belemense, de maneira a mostrar através de uma etnografia rica e refinada as nuances da vida vivida em uma área da cidade de Belém marcada pela estigmatização. Véronique alia boa antropologia à sensibilidade artística. Preste atenção nas suas aquarelas e na riqueza etnográfica e iconográfica de seu Abecedário do Porto do Sal.

O artigo de Pedro Castelo Branco Silveira *et all* acerca da paisagem estuarina do rio Goiana, situado entre os estados de Pernambuco e Paraíba oferece um panorama interessante acerca das formas de manejo das paisagens de uma RESEX pelos coletivos humanos, a partir de uma perspectiva que considera as noções de “espaço liso” e “espaço estriado” a fim de pensar as vicissitudes e tensões em torno das práticas locais sobre as paisagens, por parte dos pescadores e catadores, mediadas pelo sistema de regramento e planos de conservação que instauram paisagens de poder naquele contexto.

Rosana Guber nos apresenta um panorama interessantíssimo da Guerra das Malvinas sob a óptica de um pintor que retrata os conflitos bélicos de forma “hiper-realista”, aliando a sua experiência militar com a sua sensibilidade artística o personagem retrata paisagens de guerras evidenciando combates datados, onde navios e, principalmente aviões, encenam conflitos que falam das tensões de caráter violento pela disputa de território. Imperialismo, identidade nacional e territorialidade emergem a partir das memórias iconográficas de episódios ocorridos na década de 80 do século passado envolvendo a Argentina e a Inglaterra no contexto das ilhas Malvinas.

Na seção de ensaios fotográficos, Marcia Bezerra e Luis Ricardo Ravagnani, pensam as relações entre as pessoas e as coisas a partir de imagens, que denunciam o imbricamento sensorial e performático de uma mulher garimpeira com a sua bateia na Vila de Serra Pelada, Amazônia.

As resenhas de Thaís Cunegatto sobre o livro “Made in China: (in)formalidade, pirataria e redes sociais na rota China-Paraguai-Brasil”, de Rosana Pinheiro-Machado; de Rosângela Britto sobre o livro “Antropologia *da* e *na* cidade, interpretações sobre as formas da vida urbana”, de autoria de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert; de Manoel Rocha e Robson de Oliveira sobre o livro “Fora de contexto: as ficções persuasivas da antropologia”, de Marilyn Strathern são exemplos de leituras instigantes sobre obras de significativa importância para a comunidade antropológica brasileira.

A entrevista com a antropóloga mexicana Renée de la Torre Castellanos, realizada durante a sua visita ao Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFRGS, oferece ao leitor reflexões extremamente interessantes e ricas acerca do tema da religião e suas interfaces com os estudos da imagem, apontando caminhos para a etnografia contemporânea.

Certos de que temos aqui um número da Revista *Illuminuras* diverso e abrangente, tocando temas antropológicos de grande relevância, esperamos que os leitores apreciem esta edição e aproveitem a leitura.